

O PARTIDO DA CORTIÇA AFUNDOU?*" - UMA ANÁLISE DA VITÓRIA OPOSICIONISTA NO GOVERNO DO MARANHÃO

Jhonatan Uelson Pereira Sousa *



1. Questões Introdutórias

Rémond (2003) ao tratar dos novos estudos sobre história política no cenário da pesquisa histórica ressalta que o político é chamado a satisfazer as demandas de uma opinião pública que, espontaneamente, se volta aos poderes públicos *“para responsabilizá-los por suas desgraças, ou exigir que as remediassem”*.

Neste sentido, o autor referido, identifica que a história dos fatos políticos aparece, na maioria das vezes, como uma história do efêmero e do instantâneo, dado que a nomenclatura dos acontecimentos políticos cabe em dias, mas, pelo contrário, ela busca articular o contínuo e o descontínuo, combinar o instantâneo e o extremamente lento, podendo dividir-se para efeito de uma tipificação em: aquela que aborda um conjunto de fatos que se sucedem num ritmo rápido (golpes, eleições, mudanças de regime etc.); um conjunto de fatos inseridos numa duração média (longevidade de um regime, prática social etc.) ou numa duração mais longa (formação política, ideologias etc.).

Entendendo nossa pretensão como analítico-interpretativa, nosso objeto, as eleições de 2006 para governador do Estado do Maranhão, está inserido numa duração rápida, o transcurso dos dois turnos eleitorais e, ao mesmo tempo, média, isto é, a dominação política da oligarquia² Sarney.

Traçamos nossas considerações a cerca disto, alheios à perspectiva de abarcar todas as variáveis, mas cientes da possibilidade de constituirmos uma análise sobre um fato político determinado, ou seja, a vitória eleitoral da oposição, derrotando a oligarquia referida.

Napolitano (2004) aponta que o enfoque do fato político contemporâneo implica em pelo menos três dificuldades metodológicas: quanto mais próximo do presente mais sujeito a erros e distorções por parte do historiador; a falta ou exigüidade de fontes; e o caráter aberto do período estudado.

Atentamos para o fato político, a vitória da oposição, e alinhavamos nossas considerações com base nos dados eleitorais fornecidos pelo Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão (TRE-MA), matérias jornalísticas e estudos sobre a política maranhense no sentido de nos afastarmos, o mais possível, de “erros e distorções”, com um universo delimitado de fontes e período.

Borges (2007) elenca algumas hipóteses para a vitória de Jackson Lago (PDT-MA): o desejo de alternância e recusa à continuidade; a divisão do grupo sarneista; a intervenção do governador na mobilização dos prefeitos e lideranças locais; construção de uma grande aliança com forças políticas distintas; não confronto com o eleitorado do Lula e a presença do Partido Democrático Trabalhista – PDT na Prefeitura de São Luís por três mandatos e meio, permitindo uma estruturação da máquina partidária.

Segunda a referida autora, a derrota de Roseana Sarney (PFL-MA) pode ser compreendida pela: exaustão do eleitor face ao grupo político dominante; força das denúncias e insuficiência das explicações sobre seu governo anterior; vinculação exagerada e dependente da figura do Presidente Lula; e fracasso da tentativa de transformar a eleição num plebiscito sobre o governador José Reinaldo.

Destacamos a estratégia política adotada pela oposição e o desgaste da oligarquia sarneista, e acrescentamos a mobilização das forças populares nos colégios eleitorais mais expressivos (São Luís e Imperatriz), para nossa análise da vitória oposicionista.

A expressão do título, *“O Partido da Cortiça afundou?”*, foi tomada do senador eleito Epitácio Cafeteira (PTB-MA), quando de uma entrevista³, a época, o senador fazia oposição ao grupo sarneista, e dizia que *“muita gente chama o grupo Sarney de PC, mas não é o Partido Comunista não. É o Partido da Cortiça. A cortiça que nunca afunda, sempre volta para cima. É o grupo do Partido da Cortiça”*.

A vitória da oposição nos leva a questionar se o grupo Sarney, ou o Partido da Cortiça, afundou, isto é, está fora do poder, perdeu sua capacidade de estar sempre encima, de nunca afundar, por força da derrota nas eleições.

2. Frente de libertação do Maranhão

Se o resultado das eleições do dia 29 de outubro de 2006, segundo turno para governador do Estado Maranhão, fosse a vitória da coligação “Maranhão – A Força do Povo”, da candidata Roseana Sarney (PFL-MA), poderíamos elencar inúmeras razões: maior frente partidária (PFL/PMDB/PTB/PP/PV), maior tempo no horário eleitoral, forte estrutura midiática própria (TV, rádios e jornal), maior aporte financeiro, experiência de dois mandatos de governadora, ex-presidenciável, seu carisma, imagem de empreendedora e moderna, o respaldo e confirmação das pesquisas de opinião e intenção de votos favoráveis, a campanha propositiva sem “agressões” aos adversários (pelo menos no 1º

turno), a vantagem obtida no primeiro turno das eleições e o apoio do candidato à reeleição presidencial, Luís Inácio Lula da Silva.

A realidade eleitoral se mostrou outra, a população escolheu o candidato Jackson Lago (PDT-MA) da coligação *Frente de Libertação do Maranhão*, apoiado por Edson Vidigal (PSB-MA) e Aderson Lago (PSDB-MA) obteve 1.393.643 (51,82%) dos votos válidos contra 1.295.610 (48,18%) da candidata Roseana Sarney (PFL-MA).

A estratégia política da oposição foi concebida pelo atual governador José Reinaldo Carneiro Tavares (PSB-MA), eleito em 2002, após ter sido vice-governador de Roseana Sarney por dois mandatos, vindo dos quadros da oligarquia sarneisista, isto é, do grupo político liderado pelo Senador José Sarney (PMDB-AP), com o qual rompeu e passou para a oposição. Em entrevista⁴ explicita que seu *“papel foi montar uma estratégia no primeiro momento, permitindo a união de toda a oposição no segundo turno. No primeiro [turno], era o maior número de candidatos para dar várias opções à população e assim tivéssemos o segundo turno”*.

O governador José Reinaldo apoiou três candidaturas de oposição à Roseana Sarney, cujo objetivo, no primeiro momento, era levar as eleições para o 2º turno e, depois, concentrar forças na candidatura da oposição que fosse para o embate com a candidata sarneisista. Formalmente tínhamos candidaturas diferentes, mas na prática todas estavam congregadas no movimento da Frente de Libertação que abrigou diversos grupos políticos com o objetivo único de derrotar o grupo sarneisista.

Jackson Lago, Edson Vidigal e Aderson Lago foram os três candidatos apoiados e nesta estratégia política, o primeiro estava escalado para concorrer no 2º turno, já experimentado em três mandatos de prefeito da capital (São Luís) e candidaturas anteriores a governador; o segundo, “nome novo” na disputa eleitoral deveria agregar o eleitorado que não simpatizasse com a candidatura de Roseana Sarney ou Jackson Lago; o último, o candidato do “verbo” utilizou seu horário eleitoral atacando a candidatura de Roseana Sarney fazendo a comparação entre o que prometeu nas campanhas anteriores e o realizado no seu governo, *uma campanha negativa*, no intuito de desconstruir a imagem da candidata e expor suas contradições⁵.

A estratégia se mostrou eficiente na consecução do segundo turno eleitoral pela utilização da campanha negativa e união dos candidatos que ficaram fora da disputa, Aderson Lago e Edson Vidigal, ao candidato que estava concorrendo em nome da oposição, isto é, Jackson Lago. Como afirma Edson Vidigal em entrevista⁶, *“o deputado Aderson articula em São Luís, ajuda a formular estratégias no comitê. Eu acompanho o doutor Jackson nas viagens ao interior”*.

Os votos válidos dos três candidatos no primeiro turno equivalem a 52,07%, enquanto que a candidata Roseana Sarney obteve 47,21%, o que possibilitou a realização do segundo turno. Além disso, o percentual obtido por Jackson Lago no segundo turno se aproxima significativamente da soma dos três, obtida no

primeiro, uma diferença de apenas 0,25 pontos percentuais ou 20.323 votos válidos a menos.

Ferraz (2006) aponta que a campanha negativa funciona, é eficiente, em especial, com os modernos recursos tecnológicos, sobretudo o uso da TV, pois tornam a mensagem negativa mais perniciosa, mais poderosa, além de aumentarem enormemente o seu alcance. Portanto, informações verídicas e honestas, obtidas por meios legais, e relativas, ao desempenho do adversário em função pública, podem ser usadas sem qualquer infringência a princípios éticos.

O governador José Reinaldo em *“Por que não votar em Roseana”*⁷ elenca, na linha da “campanha negativa”, o desempenho do governo estadual após dois mandatos da candidata, quais sejam: dívida estadual no valor de R\$ 6 bilhões (60% contraído no governo Roseana Sarney) representando R\$ 50 milhões por mês dos cofres estaduais, recursos que poderiam ser aplicados na saúde, educação, segurança etc; 83 dos 100 municípios mais pobres do país estão no Maranhão; a maior taxa de mortalidade infantil, analfabetismo e exclusão social; o maior percentual de habitações sem água e energia elétrica; a menor taxa de escolaridade do Brasil; queda na produção de grãos; e a migração de 900 mil maranhenses para outras regiões.

A *“força das denúncias”* pela exposição da situação do Estado⁸ após oito anos de governo Roseana Sarney, assim como o “rosário” de promessas não-cumpridas, durante o programa eleitoral, alcançaram o fim esperado, isto é, a realização do segundo turno eleitoral.

Dessa forma, a oposição trabalhou se contrapondo a cada uma das assertivas da candidata Roseana Sarney: quando esta afirmava que iria investir na educação, se demonstrava que não construiu nenhuma escola, “garrotou” o ensino superior público estadual e beneficiou a expansão do privado; quando falava de saúde, se demonstrava que não fez nenhum hospital e aparecia o jargão do candidato Jackson Lago – uma procissão de ambulâncias – vem do interior para a capital e outros estados em busca da saúde inexistente; quando afirmava investir na indústria contrastava-se a falência do Distrito Industrial; quando dizia apoiar a agricultura, apresentava-se o “desmonte” da máquina do Estado no setor, o êxodo rural, a queda da produção local e a importação de gêneros alimentícios antes produzidos aqui; por último, quando tocava na questão da infra-estrutura se exibia a estrada Paulo Ramos-Arame paga e não construída no seu governo, assim como a concentração de investimentos na zona urbana de São Luís em obras como elevados, vias e lagoas.

3. O fim do “novo”

José Sarney em sua coluna dominical⁹ dá o tom da campanha de sua filha no segundo turno, atacando. Segundo ele, Jackson Lago quando fala em mudança na verdade quer “perseguir pessoas”, “ameaçar comerciantes”, “dar tapa em professores”, “dilapidar os cofres do Estado”, pois “sua cabeça está impregnada do ódio e da vingança de um tempo que já passou”, enquanto que sua filha representa “o avanço, é o futuro”, ela e Lula representam “um novo tempo”,

“uma nova parceria” para construir o Maranhão “produtivo, moderno e empreendedor”. Convoca o eleitorado maranhense a se libertar de “Zé Reinaldo”, na sua concepção, “o traidor que perdeu o caráter e todos os valores”.

O discurso do novo e da modernização é uma constante na trajetória política de José Sarney, que transmite para sua filha Roseana, enquanto estratégia política, se apresentar como novo em oposição ao arcaico, ao traidor, ao “tempo que já passou”, se afirmando como “moderno” e “empreendedor”.

Costa (1997) aponta que a construção do discurso do “novo”, do “Maranhão Novo” em oposição ao “atraso” e “obscurantismo”, feitas quando José Sarney foi eleito governador (1965) em oposição ao grupo de Vitorino Freire, opera uma rearticulação quando da candidatura de sua filha ao primeiro mandato de governadora (1994), pois, enquanto herdeira da obra paterna e instauradora de uma nova “idade de ouro” no Maranhão, mantém a ruptura com o passado do “atraso” e ressalta a continuidade no “Novo Tempo”, slogan de seu governo.

Gonçalves (2000) entende que o político José Sarney, e seu grupo, constroem uma ideologia da decadência, isto é, a afirmação do passado recente como atrasado e corrupto, para se afirmarem enquanto restauradores dos tempos gloriosos, passado mais afastado, e construtores da modernidade, do novo, no presente.

Com a campanha negativa não puderam novamente representar o “novo”, pois este discurso foi incorporado pela oposição que se apresenta como mudança e libertadora do atraso, criado pela oligarquia sarneista nos últimos 40 anos de dominação política, invertendo a velha estratégia do grupo político de José Sarney.

A campanha de Roseana Sarney, antes propositiva assume a estratégia de denúncia e ataque contra o candidato Jackson Lago, colando a imagem dele com o governador José Reinaldo, dado que as pesquisas de opinião lhe apontam como o pior governo do Maranhão, ao mesmo tempo acusando-o de nepotista¹⁰, de comandar a Prefeitura de São Luís nos últimos 20 anos¹¹, de ser corrupto¹². Paralelamente a candidata cola sua imagem com a do Presidente Lula, consegue declaração formal de apoio cujo ápice foi o comício em Timon, no dia 24 de outubro de 2006¹³, ignorando a proibição da legislação eleitoral que verticalizou as alianças, ou seja, o plano nacional deve prevalecer no plano regional, pois seu partido o PFL estava coligado com o PSDB do candidato à presidência, Geraldo Alckmin, e fazia oposição ao governo Lula.

Dito isto, a campanha negativa feita contra a candidata durante o primeiro turno e reforçada no segundo não pôde ser rivalizada, por outra, feita pela candidatura Roseana Sarney, como nos afirma CHURCHILL, primeiro-ministro inglês durante a Segunda Guerra Mundial, em discurso de 22 de abril de 1926, *“palavras que podem ser motores poderosos... perdem seu peso, seu poder e seus valores quando não são apoiadas por fatos”*.

Dessa forma o antigo discurso do “novo” e o ataque ao outro representado como pertencente à “um tempo que já passou” não encontra apoio na realidade, pois as categorias utilizadas: “nepotista”, “corrupto” e “oligarca” estavam alicerçadas

por fatos da situação, a realidade excludente do Estado do Maranhão após dois mandatos governamentais de Roseana Sarney (1994-2001), encontrando ressonância no grupo sarneisista.

4. "vale protestar!" Ou o desgaste sarneisista

A mobilização das forças populares e movimentos sociais foi imprescindível ao considerar os altos percentuais¹⁴ de votação do candidato eleito na capital (São Luís) e em Imperatriz, 66,6% e 76,82%, respectivamente, locais onde essa movimentação foi mais perceptível.

Os estudantes lançaram as campanhas "Nela, Não!", "Xô Rosengana", apoiando outros movimentos como o "Vale Protestar", realizaram inúmeras manifestações na capital e no interior, pregando o fim da oligarquia, o fim do sarneísmo e o voto na oposição. Entende-se que sentiram o impacto da campanha negativa, pois relacionaram o nome da candidata sarneísta, Roseana, com o enganar, formando o "rosengana", dado que a maioria de suas promessas de campanha não foram cumpridas no exercício do mandato¹⁵. Aliaram o protesto na rua com a campanha na internet utilizada como instrumento de mobilização e articulação, cerca de quatorze comunidades no ORKUT com 7.065 membros estavam contra a oligarquia e apenas quatro com 1.134 membros, a favor¹⁶.

Podemos considerar ainda o apoio de Jackson Lago ao movimento de criação do Maranhão do Sul¹⁷, seu vice-governador, Luiz Porto (PPS-MA) é da região e liderava a articulação regional neste sentido, ao lado do movimento das mulheres e dos negros¹⁸, temos um somatório de insatisfações e reivindicações represadas que se desejam fazer ouvir, pelo protesto, e serem atendidas, pelo apoio ao candidato da oposição.

A compreensão de que a situação sócio-econômica¹⁹ do Maranhão está relacionada diretamente a dominação política da oligarquia sarneisista, confirma a importância da dimensão política na atualidade e a significância do papel do Estado na resolução dos problemas sociais, ao tempo que os responsabilizam, e exige da oposição vitoriosa a transformação dessa realidade.

Costa (1997) aponta para um aumento do índice de competitividade eleitoral desde a década de 90 com o fortalecimento da oposição à oligarquia e o surgimento de novos atores políticos ligados/representando os movimentos sociais e populares, o que levou, segundo ele, a uma *crise de legitimidade política da oligarquia Sarney*. Neste sentido, aponta para o crescimento do PDT com a conquista da Prefeitura de São Luís e as votações expressivas da oposição em municípios de médio e grande porte.

A reação da oligarquia a esta crise foi se articular com o governo federal em troca de apoio político e utilizar a "máquina" pública estadual de forma patrimonialista, o que garantiu a manutenção do poder político apesar do acirramento oposicionista (Costa, 1997).

Reis (1992) aponta que, historicamente, houve uma constante influência externa (governo central) na resolução de conflitos políticos entre as oligarquias maranhenses (poder local), dado que exerciam a mediação entre os poderes central/local, o Estado/município ou Estado/setor produtivo. Havia uma tendência dos ocupantes do executivo em formarem “máquinas políticas” próprias, nos limites de uma ruptura com o chefe político da oligarquia, o que acentuava as disputas e dificultava a resolução dos problemas.

A ruptura política entre o governador José Reinaldo e a oligarquia foi de fundamental importância na mudança dessa equação, pois sem a utilização da “máquina” estadual, o grupo só poderia contar com o apoio do governo federal. Pela primeira vez o direcionamento estadual mudou (BORGES, 2007). Mas longe de constituir-se um agrupamento político do governador José Reinaldo, observa-se a formação de uma “*grande aliança*” diversificada e com várias lideranças.

A articulação com o governo federal foi fundamental para a eleição de José Sarney em 1965, apoiado pela ditadura militar de 1964, como bem demonstra Costa (2004), ao mesmo tempo essa articulação foi mantida durante as Presidências Collor, Itamar, Fernando Henrique Cardoso e, por último, Lula da Silva²⁰, ou seja, seu grupo político sempre esteve ao lado do poder, independente das afinidades ideológicas ou programáticas, daí serem caracterizados como o Partido da Cortiça, pois estão sempre com quem está no poder, nunca são oposição.

Este apoio ao contrário das outras eleições, não garantiu a vitória eleitoral, o que evidencia um desgaste da oligarquia, não só a do nível local, mas as oligarquias nordestinas em geral, exemplo disso foram as derrotas do *carlismo* na Bahia pelo candidato Jacques Wagner (PT-BA), do *tassismo* no Ceará pelo candidato Cid Gomes (PSB-CE), os Maia/Alves no Rio Grande do Norte, o grupo de Mão Santa pela segunda vez no Piauí, e os Franco em Sergipe, o que representa um “esgotamento dos projetos oligárquicos em si”²¹.

O candidato Lula da Silva transferiu poucos votos para Roseana Sarney, dos 42,07% (1.282.053) de votos válidos obtidos no 1º turno, ela cresceu 0,97% (13.827) em número de votos, atingindo 48,18% (1295.880) dos válidos no segundo turno, a mesma situação ocorreu nas eleições de Goiás e da Paraíba, o que levou alguns cientistas políticos²² a afirmarem que as alianças entre políticos de grupos diferentes e divergentes não soam verdadeiras para o eleitor. Lula apoiou Roseana, mas o PT do Maranhão²³ ficou com Jackson Lago. Daí o senador Eptácio Cafeteira na entrevista anteriormente referida afirmar que a aliança entre Lula e Roseana é o “casamento da cobra d’água com o jacaré”, não dá em nada, isto é “*não convenceu o eleitor do pretensão exclusivismo do apoio do presidente – até pela história deste – e tampouco da propalada afinidade entre sua trajetória política e a de Lula, que são flagrantemente distintas*” (Borges, 2007, p. 02).

5. Considerações finais

Podemos observar que a anulação do discurso do “novo” pela campanha negativa, o fortalecimento da oposição durante a década de 1990, a ruptura do governador José Reinaldo, a união da oposição contra a oligarquia, assim como o respaldo da mobilização popular contribuíram decisivamente para a derrota da oligarquia nas eleições de 2006, pois não conseguiram eleger as maiores bancadas na Assembléia Legislativa e na Câmara dos Deputados.

Se questionarmos sobre o fim da oligarquia, se o Partido da Cortiça afundou, podemos contrapor que, a despeito da derrota eleitoral, o governo Lula da Silva mantém-se apoiando o grupo político de José Sarney com ministérios e a nomeação dos cargos federais no Estado; a votação considerável em 137 dos 217 municípios do Maranhão, que elegeu razoável bancada de deputados federais e estaduais, ao tempo em que garantiu o controle das três vagas de senadores; além do império de comunicação (TV, rádio, jornal e internet) que penetra em quase todo o território estadual.

Dito isto, podemos falar em “afogo”, isto é, a oligarquia está naufragando, mas ainda possui considerável poder junto ao governo federal e no nível local, podemos dizer que seu aparato político continua, cambaleando, mas não desmoronou totalmente, neste sentido, o desempenho da oposição no exercício do governo estadual será de fundamental importância para “vida” ou “morte” da oligarquia, para seu “afundamento” definitivo ou “imersão” nos próximos anos, até uma possível volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Arleth Santos. “Morte e Vida do Sarneismo”. *O Imparcial*, Caderno Especial Novo Governador Jackson Lago, São Luís, 01 de janeiro de 2007.

COSTA, Wagner Cabral da. “Do ‘Maranhão Novo’ ao ‘Novo Tempo’: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão”. 2ª versão, junho/1997. Disponível em www.fundaj.gov.br

_____. “A raposa e o canguru: crises políticas e estratégia periférica no Maranhão (1945/1970)”. In, COSTA, Wagner Cabral da (org.). *História do Maranhão: novos estudos*. São Luís: EDUFMA, 2004.

CHURCHILL, Winston S. (org.). *Jamais ceder! Os melhores discursos de Winston Churchill*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FERRAZ, Francisco. “Pesquisas de Investigação do adversário: ataques ao caráter e à vida pessoal e familiar”. Disponível em www.politicaparapoliticos.com.br. Acesso em 20/10/06.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. *A Reinvenção do Maranhão Dinástico*. São Luís: Edições UFMA: PROIN (CS), 2000.

NAPOLITANO, Marcos. "Pensando a estranha História sem fim". In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2004.

REMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REIS, Flávio Antonio Moura. *Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão (1850/1930)*. Dissertação de mestrado (Ciência Política). UNICAMP/IFCH, 1992.

RESUMO: O presente trabalho no âmbito da história política contemporânea, e à luz do resultado das eleições 2006 para governador do Estado do Maranhão, produz uma análise sobre as mesmas, identificando pelo menos três hipóteses para a vitória eleitoral da oposição, representada por Jackson Lago (PDT-MA), e derrota do grupo político liderado pelo Senador José Sarney (PMDB-AP), representado por sua filha Roseana Sarney (PFL-MA), quais sejam: a estratégia política oposicionista, o desgaste histórico do grupo sarneista e a mobilização das forças populares.

PALAVRAS-CHAVE: Maranhão, eleições 2006, oposição, oligarquia sarney.

* O autor é Especialista em Formação Política pela Escola de Formação de Governantes do Maranhão (EFG-MA). Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Instituto de Pesquisas e Estudos de Governo (IPESG). Pesquisa sobre História Moderna e Contemporânea, Política Educacional, Políticas Públicas e Formação de Professores. Publicou em Anais de Congressos os trabalhos *Formação de Professores na UEMA: requisitos exigidos pela sociedade contemporânea e as respostas da instituição*; *"Os Estilhaços": debate intelectual sobre a fundação de São Luís*; *Avaliação Institucional na Universidade Estadual do Maranhão: algumas reflexões sobre a experiência da instituição*; *Autonomia Universitária no Pós-64: conceitos e experiências*. Possui inúmeras produções técnicas e trabalhos apresentados em diversos eventos.

E.mail: jhonatanalmada@gmail.com